

Feminismo : palavra velha



-
- artigo
 - in " reflexão crista " Boletim do CRC
nº 26 , Jan-Março 1981 , p. 12-16
-

jan. 1981

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRO MINISTRO

Fundação Cuidar o Futuro

Feminismo — Palavra Velha?

por *Maria de Lourdes Pintasilgo*

Convenhamos que «feminismo» é uma palavra velha (de um século!), com má reputação (faz pensar nas sufragistas da «Belle Époque»!) sem força dinâmica (quantos «ismos» percorreram séc. XX?). Também não gosto da palavra. Só a uso por comodidade de análise. E por isso vale a pena dizer o que, através de expressões muito variadas, ela veicula.

O feminismo — enquanto designação que engloba movimentos do fim do século passado e movimentos sociais de hoje — é a denúncia e a luta contra as práticas sexistas.

Consideram-se sexistas as atitudes, práticas, hábitos e, em muitos casos, a própria legislação, que fazem das pessoas pertencentes a um sexo — só por essa razão — seres humanos inferiores nos seus direitos, na sua liberdade, no seu estatuto, na sua oportunidade real de intervenção na vida social.

É claro que ao referir a prática sexista como a discriminação em relação a «um sexo» estou a usar um eufemismo. As práticas sexistas conhecidas discriminam em relação às mulheres.

O sexismo é então o sistema de valores que:

- reduz as mulheres ao seu vínculo ao homem: a filha do Sr. X, a mulher do Sr. Y (com as consequências que isso tem na própria lei quanto ao exercício das suas responsabilidades e quanto à sua liberdade);

- atribui às mulheres funções e papeis confinados uma vez por todas, impedindo-as de escolherem o seu próprio modo de inserção social;
- utiliza as mulheres como mão-de-obra suplementar em todas as tarefas sociais visíveis, enquanto lhes confere a total responsabilidade na execução das tarefas socialmente «invisíveis» da vida familiar;
- encara as mulheres apenas como objecto do apetite sexual dos homens, retirando-lhes a autonomia de seres humanos e, no limite, reduzindo-as a coisas facilmente substituíveis;
- utiliza, na ordem moral e pública, duas «medidas» diferentes: uma para os homens, outra para as mulheres;
- etc., etc...

Seria interminável a listagem do que constitui a prática sexista: ela vai desde a esfera das intervenções públicas a nível político até à convivência mais íntima entre as pessoas. Nada lhe escapa: comportamentos sociais, modelos culturais, divisão do trabalho, códigos e normas morais, estruturas e valores religiosos. Não é de admirar, por isso, que seja denunciada como uma das mais extensas e enraizadas violações dos direitos humanos.

O feminismo é, antes do mais, o porta-voz dessa denúncia.

Nesse sentido há uma clara continuidade entre o feminismo de hoje e o feminismo de há cem anos. Enquanto no fim do século passado as mulheres denunciavam as condições desumanas do trabalho fabril e a cidadania de segunda classe a que eram relegadas pelo não-exercício do direito de voto, hoje as mulheres denunciam outras estruturas que, na sua organização e no seu espírito, as privam de direitos fundamentais.

Houve um espectacular alargamento do campo do feminismo durante os últimos cem anos. A industrialização ganhou todo o planeta enquanto modelo dominante. A reivindicação dos direitos humanos passou a ser cada vez mais acto das



grandes massas. Caldeado pelas intensas transformações trazidas pelo movimento operário e pelas lutas pela auto-determinação política da imensa maioria da humanidade, o feminismo ressurgido nas duas últimas décadas já não é o movimento sectorial (eu quase diria sectário) dos primeiros tempos. Os direitos por que lutam as mulheres hoje, ao denunciarem a sociedade sexista, cobrem toda a gama do humano e não deixam intacta nenhuma instituição.

Se continuamos a chamar «feminismo» à luta das mulheres hoje, fazemo-lo com consciência de que se trata de uma etapa totalmente nova. Ao tomarem consciência da discriminação que as atinge, as mulheres verificam que essa discriminação tem que ver com outras formas de violação de direitos humanos nas sociedades, com outras injustiças e opressões. Por isso põem em causa a ideologia dominante que é afinal a racionalidade da exploração, da desordem, do egoísmo e da luta pelo poder.

No conjunto dos direitos humanos revalorizados e conquistados está, em termos individuais, o *direito à diferença* — direito que justifica, em termos colectivos, o direito à identidade cultural.

O feminismo *neo* é a luta das mulheres contra os homens: é a luta das mulheres pela sua auto-determinação; e o processo de libertação de uma cultura subjugada; é a conquista do espaço social e político onde ser mulher tenha lugar. Luta, libertação e conquista que significam necessariamente uma maior riqueza para tudo o que é humano.

A palavra feminismo surge, no entanto, na sua acepção corrente, com sentidos contraditórios, quase paradoxal. Parece veicular uma ideologia e está longe de o ser. Faz supor uma segregação das mulheres em relação a toda a sociedade e pretende, pelo contrário, a sua plena inserção. Parece reportar-se a uma época ultrapassada e abre afinal as portas ao futuro!

Julgo por isso mais correcto utilizar a expressão «movimentos de mulheres». O que está em causa é, de facto, uma



movimentação de mulheres a nível mundial, assumindo formas locais próprias, embora com grandes linhas comuns.

Os «novos movimentos de mulheres» assentam no processo de tomada de consciência das mulheres da sua própria condição de mulheres. É uma verdadeira conscientização com tudo o que a palavra supõe: o desafio lançado à vivência de cada uma, o repensar das questões muitas vezes abafadas, a tentativa para encontrar as razões que estão na base das dificuldades ressentidas, a descoberta de vias de acção comum.

A conscientização pode, é certo, converter-se em mero grupo de terapia mais ou menos selvagem, onde cada mulher encontra o eco da sua própria lamentação e nesse «conforto» se escoam energias. Nesses casos dá-se uma desvirtuação do próprio movimento. O processo só tem sentido quando desemboca numa renovação do dinamismo colectivo, nascido da coragem de cada mulher.

Os novos movimentos de mulheres têm tomado com frequência a defesa de uma certa «insolência» no comportamento social. Varrem tabús, desmascaram hipocrisias, introduzem, por vezes com agressividade, atitudes e vivências consideradas subversivas em relação aos códigos de comportamento habituais.

Devo confessar que julgo essas atitudes portadoras de uma certa ambiguidade. Reconheço, por um lado, que tem sido importante que algumas mulheres ousem «pisar o risco» assumindo comportamentos até agora só aceites para os homens. (Penso, por exemplo, na vida poligâmica de muitos homens. Quando há mulheres que encetam o mesmo tipo de vida, os homens necessariamente assustam-se e são levados a confrontar-se com o porquê da monogâmica... Uma exigência moral a outro nível pode assim nascer.) Por outro lado, não podemos deixar de reconhecer que tais comportamentos nada trazem de novo. Recorrem ao liberalismo selvagem (*eu, o meu interesse, o meu prazer, e assim por diante*). São ainda uma forma requintada do espírito de com-



petição, característico das sociedades capitalistas («se me exploram a mim, também posso explorar os outros...»).

Na dinâmica dos movimentos sociais convergem, afinal, várias esferas. Há, em primeiro lugar, uma esfera relacional, que tem a sua expressão institucional nos dispositivos legais. Há, depois, uma esfera pessoal que tem o seu caminho próprio, a nível da tomada de consciência. Mas há ainda outra esfera, não menos importante: a esfera dos *mitos fundamentais*, onde se constroem os paradigmas que estruturam a vida e desenham os comportamentos.

Os movimentos de mulheres que abarcam esta esfera do simbólico abrem não já os caminhos da igualdade chã, mas os da *diferença criadora*. As mulheres que por eles são «tocadas» são, a um tempo, mulheres mais competentes do que competidores, serenas obreiras de mundos novos só (pre)ocupadas com o sentido verdadeiro das coisas. São mulheres do quotidiano, concreto e terreno e, simultaneamente, *mulheres do para-além-disto-tudo*, duma inquietação que nada satisfaz. São mulheres da sabedoria de si e do amor do outro. Mulheres da sabedoria de Deus e do amor de todas as coisas...

Fundação Cuidar o Futuro

30 de Março de 1981

